

Uma reflexão weberiana sobre o Bolsonarismo: o mito da mediocridade

A weberian thought on Bolsonaroism: the myth of mediocrity

Sergio Schargel,¹ UFF

Resumo

Este trabalho propõe a discussão sobre o messianismo no Bolsonarismo, através de uma discussão teórica sobre textos de Max Weber, na primeira parte, e testes estatísticos qui-quadrado sobre variáveis categóricas do banco de dados do Latinobarómetro, na segunda. Assim, ainda que a base teórica weberiana seja o norte, os testes estatísticos empregados na última seção corroboram com os argumentos apresentados, ao evidenciarem alguns dos motivos da recepção – e consequente messianismo – de Bolsonaro. Conclui-se, por fim, conforme os testes evidenciam, que a associação entre variáveis como apoio à democracia, medo do futuro e a alta taxa de desilusão contra uma elite política, forneceram um ambiente adequado à ascensão do profeta, uma ferramenta de dominação carismática que Bolsonaro soube utilizar astutamente para formar uma seita.

Palavras-chave: Teoria política; Max Weber; Bolsonarismo; Jair Bolsonaro; dominação carismática.

Abstract

This paper proposes a discussion on Messianism in Bolsonaroism, through a theoretical discussion on Max Weber's texts, in the first part, and chi-square statistical tests on categorical variables in the Latinobarómetro database, in the second. Thus, even though the theoretical Weberian basis is the north, the statistical tests employed in the last section corroborate the arguments presented, by highlighting some of the reasons for Bolsonaro - and consequent messianism - reception. Finally, it is concluded, as the tests show, that the association between variables such as support for democracy, fear of the future and the high rate of disillusionment against a political elite, provided an adequate environment for the rise of the prophet, a tool that Bolsonaro knew how to use shrewdly to form a sect.

Keywords: Political theory; Max Weber; Bolsonaroism; Jair Bolsonaro; charismatic domination.

Introdução

Apesar da recessão democrática global, que teve em 2020 o seu décimo quarto ano consecutivo de acordo com a Freedom House (2020), alguns cientistas políticos assistiram com surpresa a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, um candidato assumidamente antidemocrático. Mas o que autores como Leonardo Avritzer (2019) apontam é que o Brasil já enfrentava um processo de fragilização democrática e apoio ao autoritarismo cujo marco

¹ Doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Bolsista CAPES, ex-bolsista CNPq. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, antissemitismo e a obra de Sylvania Serafim Thibau. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com

inicial pode ser entendido como o questionamento que Aécio Neves incutiu acerca dos resultados das eleições anteriores, em 2014, ferindo um dos preceitos mais básicos de uma democracia: a capacidade de adversários se reconhecerem como legítimos.

Muita tinta se tem sido gasta na tentativa de explicar a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. E com razão: como é possível que o Brasil, que em passado recente experimentou crescimento econômico inédito e conseguiu diminuir parte de seus seculares problemas sociais, passou a vivenciar um processo tão veloz de esvaziamento democrático e cerceamento do espaço cívico? Como explicar que após 30 anos de consolidação de sua democracia, o país se visse ameaçado novamente de ruptura?

Embora seja impossível responder completamente essas perguntas no curto espaço de um artigo, já que elas mobilizam diversos pensadores e variáveis possíveis – afinal, não se explica 57 milhões de votos heterogêneos de forma unívoca – é pertinente crer que um fragmento da resposta pode ser encontrado nos estudos de Max Weber (1982; 2001; 2000) sobre as formas de dominação, especialmente quando colocados em diálogo com outros teóricos como Michel Foucault (1979), Robert Paxton (2007) e Wilhelm Reich (2001). Assumindo a hipótese de que Jair Messias Bolsonaro exerce o tipo de dominação carismática proposta por Weber, a proposta deste trabalho é explorar sua tomada por Messias por uma parcela da população. Assim, através de uma base teórica sobre messianismo e ressentimento, será possível entender alguns dos motivos que levaram à sua ascensão em 2018, bem como a manutenção de parte de sua base de fiéis.

O messianismo do ressentimento

É interessante perceber que, embora um século tenha decorrido desde a publicação das principais teses de Max Weber, muitas ainda são pertinentes para explicar fenômenos contemporâneos como o Bolsonarismo. A começar por seu pensamento acerca dos tipos de dominação, um pensamento que, por sua vez, dialoga com a noção de Foucault (1979, p. 08) de poder como uma rede onipresente que perpassa todos os indivíduos, não limitada apenas, portanto, à coerção física. Dominações, portanto, que não necessariamente são ilegítimas ou dependem da violência. Ao contrário, dominações que são inclusive desejadas pelos dominados. Assim, como mostrou Weber (2000, p. 141), embora as relações humanas pressuponham, em maior ou menor grau, uma forma de dominação, estas ocorrem através de três diferentes formatos: racional, a partir da concordância com preceitos estabelecidos e institucionais; tradicional, como o próprio nome deixa claro, voltada à legitimidade das

tradições; e carismática, que atribui poderes sobrenaturais e mitológicos a um indivíduo ou instituição.

Talvez um dos exemplos mais claros do desejo que o dominado pelo carisma possui de que o poder seja exercido sobre si é, como Foucault lembrou, o fascismo, pois

As relações entre desejo, poder e interesse são mais complexas do que geralmente se acredita e não são necessariamente os que exercem o poder que têm interesse em exercê-lo, os que têm interesse em exercê-lo não o exercem e o desejo do poder estabelece uma relação ainda singular entre o poder e o interesse. Acontece que as massas, no momento do fascismo desejam que alguns exerçam o poder, alguns que, no entanto, não se confundem com elas, visto que o poder se exercerá sobre elas e em detrimento delas, até a morte, o sacrifício e o massacre delas; e, no entanto, elas desejam este poder, desejam que esse poder seja exercido (FOUCAULT, 1979, p. 45).

A discussão sobre a aplicabilidade do conceito de fascismo quando deslocado de seu contexto histórico é por demasiado extensa e não é o foco deste trabalho, dado que já foi aprofundado em outros (SCHARGEL, 2022; MENEZES, 2022). Mas, seguindo a interpretação de Robert Paxton (2007, p. 47) do fascismo como um movimento populista, reacionário, autoritário e fundado em um nacionalismo extremista, é possível compreender o Bolsonarismo como uma versão brasileira do fascismo, ao menos se o conceito for tomado de forma genérica para movimentos contemporâneos, não limitado apenas à Itália de 1920².

O ponto que interessa a este trabalho, porém, é o desejo de dominação pelas massas Bolsonaristas. A paixão incondicional pelo Messias. Nesse sentido, é uma coincidência fortuita que Bolsonaro possua como sobrenome justamente Messias. Para o seu séquito de seguidores mais fanáticos, ele é de fato a encarnação do Messias, uma imagem e retórica que o capitão lança mão com frequência. Considerando a parte considerável de seu apoio por neopentecostais, e como o Pastor Silas Malafaia afirmou em conhecido vídeo (ARENARI, 2020, p. 33), Bolsonaro é visto por uma parcela como um escolhido de Deus para encaminhar a nação à prosperidade. Não é, assim, apenas mais um líder. Mas o líder.

² Conforme o próprio Paxton (2007, p. 46): “A grande diversidade de fascismos que já observamos não é razão para abandonarmos o termo. Não duvidamos da utilidade de comunismo como termo genérico em razão da profunda diferença verificada entre suas diversas manifestações, como, por exemplo, na Rússia, na Itália e no Camboja. Nem descartamos o termo liberalismo devido à política liberal ter assumido formas díspares na Inglaterra Vitoriana, com seu livre-comércio e suas leituras da Bíblia; na França da Terceira República, com seu protecionismo e seu anti-clericalismo; ou no agressivamente unido Reich alemão de Bismark. Na verdade, o liberalismo seria um candidato à abolição ainda melhor que o fascismo, agora que os americanos vêm a extrema esquerda como “liberal”, enquanto a Europa chama de “liberais os defensores do livre-mercado e do laissez-faire, tais como Margaret Thatcher, Ronald Reagan e George W. Bush. Nem o termo fascismo chega a confundir tanto [...] O termo fascismo deve ser resgatado do uso malfeito que vem tendo, e não jogado fora em razão desse uso”.

Para os que estejam fora de sua seita Bolsonaro está embebido em autoritarismo, sendo forçados a aceitá-lo em grande parte como dominação racional, considerando sua eleição e a concordância, ainda que frustrante, com as regras do jogo democrático. Mas para o seu séquito a dominação é puramente carismática. Revivendo a frase de Foucault, os Bolsonaroístas desejam a dominação, ainda que, como no caso da pandemia, ela seja em última instância uma dominação suicida. Como lembra Bourdieu, citando Weber (2004, p. 92): “o poder carismático subsiste em virtude de uma submissão afetiva à pessoa do mestre e aos seus dons de graça – carisma –, qualidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito ou do discurso”. Outrossim, a dominação carismática não se impõe pela força, mas por uma noção própria de messianismo que impõe a um indivíduo aspectos mitológicos.

Nesse sentido, pode-se invocar a imagem que Weber (2015, p. 294) cria de três personagens: o mago, o sacerdote e o profeta. Jair Bolsonaro é a personificação do que Weber (2015, p. 303) chamou por profeta: o indivíduo inundado em mágica, ao menos para seus seguidores, e portador de uma mensagem. Diferente, portanto, do sacerdote, que exerce uma forma de poder baseada no intelecto, voltado à ação reflexiva e não ativa, como no caso do mago ou do sacerdote. O sacerdote não tem a magia para moldar o mundo, não possui a “onipotência dos pensamentos” transformada em ação criadora, para evocar uma imagem de Freud (2012, p. 90), mas apenas o interpreta. Em suma, para lembrar a máxima de Marx (2002, p. 103), o sacerdote atua como um filósofo: interpreta o mundo; enquanto o mago o modifica.

A diferença entre o mago e o profeta, entretanto, é mais sutil. Enquanto a figura do sacerdote exerce a dominação carismática a partir do carisma de sua instituição – como a Igreja Católica, por exemplo – o carisma no mago e no profeta atua a partir do indivíduo. Segundo Weber (2015, p. 343), a grande diferença entre ambos se encontra na noção de que o mago não está preocupado com o abstrato, mas com o prático. Em outras palavras, não o interessa uma doutrina, mas utilizar a magia como método para resolver problemas palpáveis, mais próximos de seu real. Já o profeta encarna uma ideia, e sua magia é voltada para a realização dela.

Jair Bolsonaro é um exemplo da imagem de profeta, conforme foi dito anteriormente. Entretanto, é um exemplo curioso e destoante. Bolsonaro é o profeta do nada. Bolsonaro não possui uma trajetória excepcional, ideias revolucionárias ou grandes feitos. Ao contrário, sua vida e suas ideias são marcadas pela mediocridade e maniqueísmo mais simplistas. Um “mau militar”, nas célebres palavras de Ernesto Geisel, que precisou de uma manobra patrimonialista para não ser expulso da instituição (FREIXO, 2020), ligado às milícias

cariocas, a casos não esclarecidos de assassinatos (ABBUD, 2018) e, mais importante, um deputado sem destaque durante quase 30 anos, Bolsonaro é, acima de tudo, um sinal dos tempos. Um homem que se colocou disponível na hora certa, que soube aproveitar uma oportunidade única na sua vida: quando a massa estava desesperada, para voltar às frases de Foucault (1979, p. 45), por uma dominação, por uma estética da violência, pelo niilismo em forma de política, conforme Riemen (SCHARGEL, 2020). Bolsonaro encarna, assim, o espírito de seu tempo: o Messias de um Brasil medíocre, o fracasso de milhões projetado em formato de esperança sobre um indivíduo. Como Messias, ele é o único capaz de “mudar tudo que tá aí”, de onde se compreende suas constantes frustrações com os freios democráticos que o impedem de ser totalitário, bem como os ataques aos demais poderes que se sucedem como consequência. É pertinente pensar que além de contra-ataques da democracia contra os impulsos autoritários de Bolsonaro, talvez as ferramentas de controle mais eficientes tenham sido, ironicamente, os próprios vieses autoritários tradicionais do Brasil. As oligarquias seculares estatais e suas filiais em Brasília forçaram o presidente a fazer seguidas concessões à elite política tradicional, a fim de conseguir se manter até o final do mandato. Essas concessões, porém, o enfraquecem paulatinamente. Sem dúvida, Bolsonaro perdeu muito do seu aspecto messiânico de 2018, se mostrou “mais do mesmo” para uma parcela de arrependidos e corre o risco de não conseguir a reeleição em 2022.

Mas embora Bolsonaro esteja mais fraco do que quando se colocou como *outsider* em 2018 – a despeito de seus 30 anos de política – ainda é tomado como o único capaz de levar a nação à grandeza por uma porcentagem de fiéis que, ao que tudo indica, permanecerá praticamente inalterada independente do que o seu líder faça. Para esses, o Bolsonarismo é uma forma de fundamentalismo religioso. Como Messias, Bolsonaro é dotado de uma mágica capaz de operar os milagres necessários. Uma forma de religião mística, portanto, baseada no irracionalismo, na crença nos poderes mágicos do mito. Tanto mais, para essa parcela Bolsonaro é uma forma de projeção. Diferente de outros líderes carismáticos, como foi dito, Bolsonaro não possui qualidade excepcionais de liderança ou inteligência. Mas é justamente a sua insignificância que o concede força: seus milhões de seguidores enxergam nele traços de si próprios, traços da figura abstrata tantas vezes referenciada do “brasileiro médio”. Em outras palavras, a sua chegada à presidência permitiu que esses milhões de homens comuns identificassem seus machismos, racismos, grosserias e violências, em uma época onde essas categorias são contestadas e combatidas. Uma reação, portanto, do homem massa, para usar a figura criada por Ortega y Gasset (1962, p. 259) e retomada por Rob Riemen (SCHARGEL, 2020), a um crescente questionamento de seu poder tradicional. Daí decorre um dos motivos

pelos quais Bolsonaro jamais poderia ser conservador, ao menos no sentido burkeano: suas ações são nitidamente reacionárias, projetam uma reação pautada em um desejo de retorno a um passado idealizado, não na tentativa de manter um presente frente a uma grande ruptura. Quando esse reacionarismo se une ao nacionalismo, ao autoritarismo e a uma base de massas heterogênea pautada em um discurso conspiratório antielite, cresce o aroma de fascismo. Nas palavras de Mary Higgins, interpretando a obra de Wilhelm Reich: “o fascismo é a expressão da estrutura irracional do caráter do homem médio, cujas necessidades biológicas primárias e cujos impulsos têm sido reprimidos há milênios” (REICH, 2001, p. XII).

Não é coincidência, portanto, que Bolsonaro não seja o primeiro líder a ser o Messias do homem médio. Ao contrário, fascistas históricos como Mussolini e Hitler encarnavam exatamente a mesma figura. O crítico literário e historiador italiano Benedetto Croce mencionou, sarcasticamente, que Mussolini havia criado uma nova forma de governo degenerado, somando-se às três formas clássicas de Aristóteles: a “onagrocrazia, o governo dos asnos zurrantes” (PAXTON, 2007, p. 21). A despeito do desdém de Croce, a história une esses três líderes em um ponto: o ressentimento³. Esses líderes absorvem a melancolia de se saber consciente, de se saber humano e, portanto, mortal, e a transformam em potência. A racionalização do mundo traz consigo um inescapável sentimento de vazio, um niilismo que precisa ser preenchido. Um universo que não pode ser explicado, a ausência de uma razão compreensível para o binômio nascimento-morte é intolerável à maioria das pessoas. Saber-se mortal, lembrar do eterno *memento mori*, e não encontrar explicação para isso é insustentável. Não é coincidência, portanto, que Rob Riemen (SCHARGEL, 2020) chame o fascismo de manifestação política do niilismo⁴. As religiões, em particular as místicas, ajudam a preencher esse vazio ao concederem sentido ao mundo. Esses movimentos políticos, sejam o fascismo histórico ou o Bolsonarismo, assumem, assim, condição semelhante. Projetam-se para seu séquito como uma religião, da qual surge Bolsonaro como o profeta místico capaz de acabar com o vácuo e fornecer um sentido, uma razão pautada na emoção: “o bolsonarismo se

³ Ressentimentos e medos, claro, eles também plurais. O ressentimento das elites liberais — insatisfeitas com a consecutivas derrotas eleitorais — não é o mesmo do medo de parcelas que apoiaram Bolsonaro porque o viram como uma alternativa à segurança pública. Outros ressentimentos são mais mesquinhos, como o de um fragmento da *alt-right*, os *incels*, ou celibatários involuntários. De acordo com um dos membros do grupo, Bolsonaro é um paladino que veio para destruir “funkeiros”, “maconheiros” e “Zé Droguinhas”: “Existe um carisma forte do Bolsonaro porque ele nos defende no principal ponto que hoje tem causado muitos problemas para os betas. Nossos meninos estão diariamente sendo destruídos pelos funkeiros, oprimidos por zé droguinhas e por isso que há uma grande revolta com os maconheiros. E quem veio contra os maconheiros? Bolsonaro” (DECLERC; NUÑEZ; CESAR, 2019). Um ressentimento, portanto, que advém da solidão amorosa e sexual em consonância com a necessidade de um culpado por esse isolamento, expressão máxima das ideias de Reich do fascista como o homem esmagado pelas inúmeras pressões da civilização moderna.

⁴ Embora Riemen ignore que o próprio niilismo foi um movimento filosófico, artístico e político relevante na Rússia do século XIX, bastante distinto do fascismo.

distingue pela relação direta com o líder, aqui cognominado ‘mito’, o que lhe confere um *status* de sacralidade, emparelhando-o à títulos semelhantes, como ‘Duce’ ou ‘Führer’” (MONTEIRO; TEIXEIRA, 2020, p. 12).

Mas, ainda mais forte do que a melancolia de se saber mortal, é o seu irmão: o ressentimento. Um ressentimento também certamente melancólico, mas ativo, ou melhor, reativo. O psicanalista Wilhelm Reich já havia percebido isso em *Psicologia de massas no fascismo*, de 1933, um ponto em que o documentário sueco *Ungångens arkitektur* (*Arquitetura da destruição*) também retoma: a força motriz por trás do fascismo é o ressentimento. E isso não se aplica apenas aos seguidores, mas também aos profetas; *Arquitetura da destruição* lembra que grande parte do alto escalão Nazista era composto por artistas frustrados transformados em soldados e, posteriormente, em políticos; bem como da importância das técnicas estéticas que transpuseram da arte à política. Já Reich (2001, p. XVII) pensa mais nos apoiadores, na grande massa disposta a ser dominada e a se sacrificar, nos súditos do profeta, ao defender que o fascismo é “a expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio [...] é o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não o contrário”. De onde se entende o populismo característico do fascismo: sendo a epítome de uma política do ressentimento, é lógico que não apenas seus seguidores, seus sacerdotes e seu profeta inundados por um conspiracionismo paranóico se coloquem contra uma elite invisível, mas, ainda mais importante, que culpem essa elite por seus próprios fracassos. Se há uma crise – política, econômica, social – a culpada é a elite. Mas não basta a elite, é preciso também minorias. Como lembra Paxton (2007, p. 287), todo fascismo precisa daquilo que Hannah Arendt (1978, p. 12) denominou “inimigo objetivo”, isto é, um alvo desumanizado para motivar esse ataque. Essas minorias são amalgamadas com a elite, de forma paradoxal criando aberrações retóricas, por exemplo, como conspirações que atribuem a supostos bilionários comunistas – e/ou judeus, no caso das conspirações Nazistas - do mercado financeiro o controle de um governo mundial. Entende-se, portanto, o discurso de ser contra “tudo que ta aí”, um ponto em que o reacionarismo se acopla como peixe piloto a este nacionalismo e populismo, projetando uma reação com a intenção de retornar para uma época em que a nação não era controlada por essa elite.

A mentalidade fascista é a mentalidade do zé-ninguém, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. Não é por acaso que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do Zé-ninguém [...] O Zé-ninguém observou bem demais o comportamento do grande homem, e o reproduz de modo distorcido e grotesco [...] Está claro, hoje em dia, que o “fascismo” não é obra de um Hitler ou de um Mussolini,

mas sim a expressão da estrutura irracional do homem da massa [...] o misticismo fascista é o anseio orgástico restringido pela distorção mística (REICH, 2001, p. XIX, XXV).

Autores como Reich e Weber ajudam a pensar como o Bolsonarismo, ainda que com suas inevitáveis idiossincrasias, colhe muito de movimentos políticos do passado, em especial da dominação carismática e do fascismo. Ainda que movimentos autoritários e populistas sejam únicos, eles dialogam e absorvem antecessores. No caso do Bolsonarismo, não apenas há traços de proximidade com o nazifascismo conforme descrito por Paxton (1998), mas reconstruções de outros movimentos autoritários típicos do Brasil, como a Ditadura Militar e o Integralismo⁵.

Contudo, assim como seus antecessores, o Bolsonarismo é a expressão máxima de uma política do ressentimento. Tanto por parte do líder, por décadas relegado a uma posição de coadjuvante, quanto por seus seguidores. Embora o que foi dito sobre sua mediocridade pareça, a priori, contradizer os preceitos de Weber sobre dominação carismática, não é o que ocorre. Weber (*apud* BOURDIEU, p. 92) afirma que “por carisma, deve-se entender uma qualidade considerada como extraordinária [...] Esta [pessoa, instituição] é considerada como dotada de força e de propriedades sobrenaturais” e, de fato, para os que não estão em sua seita, não há nada de extraordinário no Bolsonarismo. Entretanto, como já foi debatido, os crentes no Bolsonarismo o tomam por Messias. Sua qualidade extraordinária, por mais paradoxal que possa soar, é justamente a sua falta de qualidades. É isso que o destaca, que o faz assumir a figura de profeta da qual o epíteto de “mito” é sintomático. Afinal, o que é o mito? O mito é o que está além da realidade, mas que serve para explicar a realidade. É o amalgama do sobrenatural com o normal, o super-humano. Ou, como diz o poema de Fernando Pessoa (1972, p. 25), “O mito é o nada que é tudo [...] Assim a lenda escorre / A entrar na realidade, / E a fecundá-la decorre”. Poema que encontra eco na teoria de Mircea Eliade (1972, p. 09), ao definir que o mito é “a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser”.

Nesse ponto, também se torna necessário notar que, da mesma forma que o foi com o Fascismo italiano e alemão conforme Renzo de Felice (1976, p. 294), embora o Bolsonarismo se alastre por todas as classes e setores sociais, ele é particularmente mais forte entre a pequena burguesia, com 55% das intenções de voto entre os que recebem entre 2 e 5 salários mínimos como apontam dados do Datafolha (2018, p. 24) nas vésperas do segundo turno das

⁵ Sobre um diálogo aprofundado entre Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo, suas diferenças e aproximações (MENEZES, 2022).

eleições de 2018. Uma pequena burguesia embebida em moralismo reacionário e embrutecido, contraditório e explicitamente hipócrita, com pouca ou nenhuma pretensão de rebuscamento intelectual ou estético. Uma pequena burguesia ressentida, maniqueísta, para qual, mais insuportável do que sua distância econômica e política da elite, apenas a sua proximidade com as classes mais baixas. Que prega um antielitismo, embora sonhe ela mesma em se tornar uma elite, em promover a circulação das elites dita por Pareto (2014, p. 64). Da mesma forma que Lula é o profeta exemplar das classes baixas, por sua trajetória da miséria no sertão nordestino à presidência, Bolsonaro é a personificação desta trajetória pequeno burguesa. Nesse sentido, Bolsonaro é absolutamente orgânico: sua história de mediocridade e ressentimento é a mesma de grande parte de seus eleitores. Ainda que ele, ciente disso, procure reforçar esse estereótipo ao posar com símbolos desta classe, da qual a mesa de café da manhã bagunçada é o maior exemplo (AMADO, 2020). Isso reforça a sensação de ligação entre si e seu público alvo, transmite sinceridade. O conhecido bordão “gente como a gente”, tem em Bolsonaro sua expressão máxima, dado seu despeito pelo decoro e normas explícitas ou implícitas do cargo que ocupa.

Novamente, é inevitável traçar um paralelo com Hitler e Mussolini. Ambos encarnavam a mesma figura de profeta exemplar da moralidade pequeno burguesa, com seus reacionarismos se colocando contra respectivos inimigos invisíveis responsáveis pela degenerescência da nação. Robert Paxton (2007, p. 66) lembra como Sorel – a quem Mussolini admirava –, por coincidência fortuita de palavras, “chamava de um ‘mito’ – um ideal estimulante – capaz de instigar as pessoas a um desempenho além de suas capacidades cotidianas”. É sintomático, portanto, que o mesmo Sorel tenha deslocado este epíteto para Mussolini. Considerando que uma das mais notáveis características do fascismo é a necessidade de um Messias, que se torna sinônimo e essência de seu movimento, a ideia de um mito, do irreal transformado em real, do místico transposto para o político, os impulsiona e dissemina. O mito, aliás, os mitos - O mito do Messias, o mito da utopia regressiva reacionária, o mito da degenerescência social –, mobilizam a base de massas, outra característica sem a qual não há fascismo, à ação política, à reação de um mito contra mitos.

O que aconteceu em 2018?

Os escritos de Weber não são úteis para entender apenas o messianismo do profeta exemplar, mas também parte da lógica de sua seita. Conforme aparece em seus *Ensaio de sociologia*, as seitas protestantes nos Estados Unidos formavam uma espécie de irmandade por associação, distinta da irmandade sanguínea, por exemplo. Isto é, era útil para um

comerciante que se convertesse ao batismo, por exemplo, porque isso tornaria seus produtos particularmente interessante para os batistas. Em suma, em lógica mercantil, as pessoas tendem a privilegiar economicamente aqueles com proximidades ideológicas ou de crença: “É importante que a participação numa seita significasse um certificado de qualificação moral e especialmente de moral comercial para a pessoa.” (1982, p. 351) A própria formação de uma seita se diferencia de uma Igreja porque a segunda possui caráter arbitrário e não está ligada às qualidades individuais, ao passo que uma seita é “uma associação voluntária apenas daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados.” (1982, p. 351).

Assim, é razoável pensar no Bolsonarismo não como uma Igreja, mas como uma seita. Em relação ao seu considerável apoio entre os evangélicos, quase 70% de acordo com o Datafolha (2018, p. 28), cuja lógica de “irmão vota em irmão” permitiu, em paralelo à formação de um país pós-católico, conforme Arenari (2020, p. 21), a formação de uma bancada política com considerável influência. Embora se diga católico, Bolsonaro está ciente da importância da associação voluntária e carismática para os neopentecostais, não sem motivo flerta abertamente com esses segmentos, inclusive se batizando em gesto simbólico em Israel.

O incrível da seita Bolsonarista, contudo, é a sua paradoxal heterogeneidade e homogeneidade simultânea. Uma seita que engloba grupos absolutamente distintos e contraditórios entre si, de reacionários a fascistas, de conservadores a libertários, de neopentecostais a judeus, cada qual com sua própria agenda de interesses unidos pelo desejo de mudança através de um homem forte. Como foi dito antes, embora seu apoio seja especialmente forte em algumas áreas, como entre neopentecostais e entre a pequena burguesia, o Bolsonarismo se espalha por todos os lados em uma onipresença ideológica que conseguiu capturar, em um de seus muitos oximoros, mesmo parcelas de Lulistas. Bolsonaro foi eficaz em amalgamar o ressentimento e frustração dessas agremiações distintas, bem como suas esperanças e projeções, transformando-as em energia política, ao ponto em que liberais, por exemplo, não hesitam em, contraditoriamente à sua própria ideologia, abrir mão de seu ideal de liberdade, ainda que tentem se vender como uma ala técnica dissociada do resto da seita.

Em parte isso ocorre porque, deslocando a interpretação de Bourdieu sobre Weber, o Bolsonarismo não é uma causa, mas um sintoma:

O profeta traz, ao nível do discurso ou da conduta exemplar, representações, sentimentos e aspirações que já existiam antes dele, embora de modo

implícito, semiconsciente ou inconsciente. Em suma, realiza através de seu discurso e de sua pessoa, como *alas exemplares*, o encontro de um significante e de um significado preexistentes [...] É por isso que o profeta, este indivíduo isolado, sem passado, destituído de qualquer caução a não ser ele mesmo, pode agir como uma força organizadora e mobilizadora (BOURDIEU, 2004, p. 92).

Existia, na população, um caldo cultural de receptividade para um profeta exemplar, um *nihil* de poder e desesperança, explicitado pelas Jornadas de 2013; Bolsonaro estava no local certo, na hora certa e soube aproveitar a melhor oportunidade de sua vida. Dessa forma, embora o movimento leve o seu nome e certamente não existiria da mesma forma sem o seu messianismo, o Bolsonarismo é muito mais profundo, amplo e transcende a figura de Bolsonaro. Isso é evidenciado em parte por dados levantados pelo Latinobarómetro, instituição chilena que mede, anualmente, o apoio à democracia nos países latino-americanos. A segunda parte deste artigo se dobrará parcialmente sobre testes estatísticos sobre dados do Latinobarómetro, visando evidenciar a receptividade ao Bolsonarismo no país em 2018, em diálogo com os escritos de Weber.

Considerando o largo escopo do banco de dados do Latinobarómetro, realizou-se um filtro limitando-o apenas ao Brasil e a variáveis relevantes à proposta de entender o caldo cultural Bolsonarista da população, isto é, a receptividade ao Bolsonarismo. Das mais de cem variáveis do banco de dados, foram filtradas e escolhidas quatro consideradas pertinentes para essa explicação e, conforme o teste qui-quadrado, tornou-se possível, por fim, verificar a receptividade dessas variáveis e suas associações. Foram elas: “Apoio à democracia”, “Situação econômica futura do país”, “O país é governado para o benefício de uma elite” e “Posicionamento sobre integração política com outros países da região”.

Para tal, seguiu-se a definição de Agresti e Finlay (2017, p. 171) do valor-p, como a “probabilidade de que a estatística-teste seja igual ou mais extrema que o valor observado na direção prevista por H_0 ”. Assim, seguindo as regras tradicionais, se o valor-p for menor ou igual a alpha, isto é, 0,05, a hipótese nula será rejeitada; ao passo que se o valor-p for maior que 0,05, a hipótese nula não é rejeitada. Dessa forma, diminui-se o risco ao rejeitar ou não uma hipótese nula.

Uma proporção gerada no R mostra que, na variável qualitativa nominal “Situação econômica futura do país”, a maioria de 30% acredita que a situação econômica melhorará um pouco no futuro, enquanto uma considerável porcentagem de 15% acredita que será muito pior. Já na variável “Apoio à democracia”, embora 40% ainda defendam a democracia como melhor forma de governo, quase 15% admitem governos autoritários como soluções possíveis

e 40% acreditam que não faz diferença. É perceptível, a partir já dessa análise de probabilidade, um apoio considerável a alternativas à democracia. A variável “o país é governado para o benefício de uma elite” recebeu uma resposta afirmativa da esmagadora maioria da amostra: 90%. Por fim, a variável “Posicionamento sobre integração política com outros países da região”: 43% foram contra a integração política, ao passo que 44% foram a favor.

Para tornar possível esta análise, a variável “apoio à democracia” foi tomada por variável resposta. Isto se deu devido a sua relevância à compreensão da recepção do Bolsonarismo no Brasil. Sendo o Bolsonarismo um fenômeno essencialmente anti-democrático, é possível, partindo desta variável resposta, perceber sua correlação com as variáveis explicativas sobre os demais conceitos. Isto é, os demais conceitos são tomados como congruentes ao autoritarismo, como forma de impulsioná-lo. Conforme Agresti e Finlay (2017, p. 254-255), para que exista uma associação é necessário que a distribuição da variável resposta (a que é medida e observada) se altere conforme a variável explicativa (aquela que afeta a resposta) também se altera.

Assim, considerando que todas as variáveis escolhidas são categóricas com valores acima de cinco em todas as células, o teste qui-quadrado foi o método mais apropriado para analisar a relação entre elas. Considerando a população de mais de 200 milhões de brasileiros, o banco de dados do Latinobarómetro fornece uma amostra de 1204 brasileiros entrevistados. A partir dessa amostra, construiu-se uma amostra ainda menor para este trabalho: 1051 brasileiros. Por não interessar ao tema e para permitir o teste qui-quadrado, as respostas “não sei responder” e “sem resposta” foram omitidas.

A partir de uma formulação no *software* RStudio, criou-se a seguinte tabela de contingência sobre as variáveis “Apoio à democracia” e “Anti-elitismo”:

Tabela I – Tabela de contingência entre variáveis “Apoio à democracia” e “O país é governado para o benefício de uma elite”.

	País governado para o benefício dos poderosos ou para o bem de todos		
Apoio à democracia	Benefício de uma elite (1)	Benefício de todos (2)	Total
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo (1)	379	25	404
Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático (2)	153	13	166

Para pessoas como eu, não importa se temos um regime democrático ou não democrático (3)	449	32	481
Total	981	70	1051

Ante a hipótese nula de que não existe relação entre as variáveis e a hipótese alternativa de que existe, o teste qui-quadrado compara as frequências que aparecem na tabela de contingência com hipótese nula e alternativa quanto à independência da variável. Assim, através de aleatorização com uma amostra grande, pode-se testar como hipótese nula se as variáveis são independentes e como hipótese alternativa se elas são dependentes. Isto permite identificar, por exemplo, se as variáveis categóricas são estatisticamente independentes ou dependentes, isto é, se as distribuições das variáveis serão sempre identicamente correlacionadas ou não.

Sob a hipótese nula de não relação, o teste qui-quadrado permite pensar qual o valor esperado para cada célula da tabela de contingência. Isto é, por exemplo, se o valor 379 está próximo do ideal esperado da relação entre as respostas “Democracy is preferable to any other kind of government (1)” e “Benefit of powerful interests (1)”. Para calcular esse valor esperado, faz-se o produto das marginais. No caso, o produto de 981 e 404 permite encontrar o valor esperado dentro da hipótese nula. Assim, para esta relação tem-se:

$$E_{11} = 981 \times 404 / 1051 = 379,39$$

$$E_{12} = 70 \times 404 / 1051 = 26,9$$

$$E_{21} = 981 \times 166 / 1051 = 154,94$$

$$E_{22} = 70 \times 166 / 1051 = 11,05$$

$$E_{31} = 981 \times 481 / 1051 = 448,96$$

$$E_{32} = 70 \times 481 / 1051 = 32$$

Esses valores obtidos para cada célula permitem perceber a existência ou não de relação entre as variáveis. Dessa forma, se as variáveis não tivessem relação, os valores seriam esses:

Tabela II – Valores esperados sob a hipótese nula de não relação

	País governado para o benefício dos poderosos ou para o bem de todos	
--	--	--

Apoio à democracia	Benefício de uma elite (1)	Benefício de todos (2)
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo (1)	379,39	26,9
Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático (2)	154,94	11,05
Para pessoas como eu, não importa se temos um regime democrático ou não democrático (3)	448,96	32

Como se pode perceber, os valores da tabela de contingência estão muito próximos dos valores encontrados pelos produtos das marginais. Assim, a princípio, parece existir sustentação à hipótese nula de não relação. Porém, para confirmar, é preciso seguir uma fórmula de distribuição de probabilidade qui-quadrado para perceber se não há uma flutuação casual:

Imagem I – Fórmula de distribuição

$$Q = \sum \frac{(f_o - f_E)^2}{f_E}$$

Nisso, fo será a representação de uma frequência observada, enquanto fe responde por uma frequência esperada, isto é, interpretação de uma possível frequência caso as variáveis fossem independentes. Assim, para as duas variáveis que estão sendo trabalhadas tem-se:

$$Q = \text{Sigma } (379 - 379,39)^2 / 379,39 \rightarrow Q = 0$$

$$Q = \text{Sigma } (25 - 26,9)^2 / 26,9 \rightarrow Q = 0,1$$

$$Q = \text{Sigma } (153 - 154,94)^2 / 154,94 \rightarrow Q = 0,02$$

$$Q = \text{Sigma } (13 - 11,05)^2 / 11,05 \rightarrow Q = 0,34$$

$$Q = \text{Sigma } (449 - 448,96)^2 / 448,96 \rightarrow Q = 0$$

$$Q = \text{Sigma } (32 - 32)^2 / 32 \rightarrow Q = 0$$

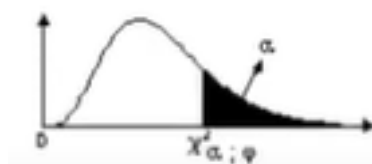
$$Q = 0 + 0,1 + 0,02 + 0,34 + 0 + 0$$

$$Q = 0,46$$

Por fim, à distribuição qui-quadrado. Como pode ser conferido na distribuição qui-quadrado abaixo, ela é um pouco mais assimétrica do que uma distribuição normal. De acordo

com a regra da distribuição, a área preta indica a área de rejeição enquanto até o ponto limite é considerado como resultado de uma flutuação casual. Em outras palavras, a partir da área preenchida de preto a hipótese nula não é rejeitada: as duas variáveis aparentemente não estão associadas.

Imagem II – Distribuição de probabilidade qui-quadrado. Fonte: UFMG.



Assim, é preciso olhar o grau de liberdade, cuja fórmula atende por $(k-1)(C-1)$, isto é, o número de linhas menos um vezes o número de colunas. No caso das variáveis utilizadas, portanto, o grau de liberdade responde por: $(3-1)(2-1) = 2$. Desta forma, há uma qui-quadrado com dois graus de liberdade. Realizando o cálculo pelo R, o *software* encontrou um p-valor de 0,77. A fórmula de probabilidade deixou ainda mais claro o que já estava perceptível: a distância entre o valor observado e o valor esperado são muito pequenas, isso quando existem. Assim, não é possível rejeitar a hipótese nula: as variáveis “Apoio à democracia” e “País governado em benefício de uma elite” aparentemente não estão relacionados, ao menos segundo a amostra do Latinobarómetro.

Confirmada a não relação entre as variáveis anteriores, será analisado agora a relação entre a variável “Apoio à democracia” e “Situação econômica futura do país”:

Tabela III – Tabela de contingência entre variáveis “Apoio à democracia” e “Situação econômica futura do país”

	Situação econômica futura do país					
Apoio à democracia	Muito melhor (1)	Um pouco melhor (2)	Aproximadamente o mesmo (3)	Um pouco pior (4)	Muito pior (5)	Total
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo (1)	19	140	129	57	51	396
Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático (2)	13	56	39	32	20	160
Para pessoas como eu, não importa se temos um	23	152	134	71	90	470

regime democrático ou não democrático (3)						
Total	55	348	302	160	161	1026

Definido a tabela de contingência, os cálculos foram realizados pelo R desta vez. Com o alpha de 0,05, o R encontrou um p-valor de exatamente 0,05. Assim sendo, rejeita-se a hipótese nula de não associação. Em outras palavras, ao que tudo indica a variável “Apoio à democracia” está associada à variável “Situação econômica futura do país”. Quanto menor o apoio à democracia, menor perspectiva de sucesso econômico.

Por fim, o mesmo teste qui-quadrado será aplicado sobre variáveis “Apoio à democracia” e “Integração política”. O R gerou a seguinte tabela de contingência:

Tabela IV – Tabela de contingência entre variáveis “Apoio à democracia” e “Integração política”

Tabela de contingência					
	Você é a favor ou contra a integração política com outros países da região?				
Apoio à democracia	Muito a favor (1)	Algo a favor	Algo contra	Muito contra	
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo (1)	83	133	72	88	376
Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível a um democrático (2)	31	46	37	39	153
Para pessoas como eu, não importa se temos um regime democrático ou não democrático (3)	63	132	119	116	430
Apoio à democracia	177	311	228	243	959

Sob um grau de confiança de 6 e um alpha de 0,05, o R encontrou um p-valor de 0,01. Isto implica, portanto, que a hipótese nula não será aceita. Em outras palavras, aparentemente há associação entre as variáveis “Apoio à democracia” e “Integração política da região”.

Os dados e testes estatísticos levantados corroboram, em certa medida, aos argumentos apresentados na primeira seção. Ainda que a variável “Apoio à democracia” aparentemente não esteja associada à variável identificada com antielitismo, ambas apresentam taxas fortes que reforçam a ideia de receptividade de características do messianismo Bolsonarista. Ao menos 55% da população revelou-se contra ou indiferente à democracia, enquanto 90% acredita que o país é governado apenas para uma elite. Essas taxas indicam a predisposição a

alternativas antidemocráticas, bem como ao messianismo do profeta, justamente aquele que vende a imagem de – a despeito de seus 30 anos de política – ser um *outsider* desta elite política. Em outras palavras, indicam que existia de fato um contexto útil para o Bolsonarismo, um argumento reforçado pela associação entre o apoio à democracia, o medo do futuro econômico e a posição contra a integração política regional. O medo do futuro econômico e o discurso antielite, em particular, não falham em retomar os argumentos suscitados na primeira seção sobre o ressentimento como motor dessa forma de dominação carismática.

Considerações finais

Dividido em duas partes, este trabalho procurou mostrar a construção da figura de Jair Bolsonaro como o Messias, o profeta exemplar, o mito. Uma figura que retoma os pensamentos propostos por autores como Weber e, em menor medida, Reich. Uma construção que encontra paralelos históricos em outros líderes messiânicos do passado, como Mussolini e Hitler, a despeito de suas inevitáveis idiossincrasias. O próprio Bolsonaro, assim como esses líderes anteriores, está ciente de sua condição de profeta e a explora, com frequentes referências ao seu sobrenome Messias.

Mas, novamente em paralelo com o passado, Bolsonaro é o Messias da mediocridade. A jornalista Dorothy Thompson, quando de entrevista com Hitler em 1932, afirmou que “fiquei convencida de estar diante do futuro ditador da Alemanha”, ao mesmo tempo em que sugeriu a “impressionante insignificância” (URWAND, 2014, p. 212) daquela figura. Bolsonaro reencarna a sensação descrita por Thompson: é um Messias, um profeta, mas apenas para sua seita. Para todos fora, é a expressão mais absoluta do mesquinho, do pequeno. Um homem embebido de ressentimento, capaz de, por exemplo, exonerar um funcionário público que o havia multado quase 10 anos antes de ser eleito (SERVIDOR, 2019). Mas Bolsonaro é o Messias do espírito do seu tempo, aspecto que a segunda parte deste trabalho procurou mostrar.

Através do banco de dados do Latinobarómetro de 2018, composto por inúmeras variáveis sobre grande parte dos países da América Latina, foi preciso um processo de filtragem que reduzissem essas variáveis apenas ao Brasil e apenas com variáveis úteis para aspectos levantados na seção teórica. Portanto, tomando “Apoio à democracia” como variável principal, foram feitos três testes qui-quadrados cruzando-o com outras variáveis categóricas.

O primeiro, feito manualmente, de modo a ilustrar a metodologia e as fórmulas utilizadas; os demais realizados a partir do software RStudio.

Os resultados encontrados corroboram a argumentação construída na teoria, dada a alta porcentagem de apoio a alternativas antidemocráticas favoráveis para um homem forte, o discurso antielite que pode ser identificado como precedente de um populismo messiânico, o medo e o ressentimento de um futuro econômico incerto e a pretensão nacionalista de isolamento político. Em especial as duas primeiras variáveis, ainda que não tenham se mostrado associadas, revelam uma predisposição ao messianismo Bolsonarista por suas altas proporções. Por fim, a associação confirmada entre apoio à democracia, medo do futuro e isolamento político, fortalece a exposição. Em suma, pessoas que tem medo do futuro ou são receosas contra integração política regional, tendem a se mostrarem favoráveis a medidas não democráticas. Em particular, o medo do futuro econômico é uma variável pertinente para pensar esta propensão ao messianismo.

Os dados estatísticos, na prática, fornecem insumos para visualizar esse possível processo da tomada de Bolsonaro como profeta. Contudo, ainda há amplo espaço para ampliar a pesquisa. Métodos qualitativos como entrevistas em profundidade, grupos focais ou mesmo etnografia poderiam fornecer insumos mais sólidos sobre a hipótese de Bolsonaro como um profeta exemplar. Os cruzamentos estatísticos, bem como a discussão teórica, pavimentam o caminho, dão um início, mas ainda é possível ir além.

Por fim, para encerrar, uma parábola com a ficção. O medo e o ressentimento, características associadas, são materiais úteis para os Messias populistas e/ou fascistas imporem a dominação carismática para a sua seita. O romance de Timur Vermes, *Ele está de volta*, traz Hitler literalmente de volta aos vivos. Ainda que seja o mesmo, ainda que nada tenha mudado em si, a população, o *establishment* político, a mídia, todos o interpretam por comediante. Embora seus discursos anacrônicos sejam idênticos a 1933, ninguém acredita que aquele seja de fato Hitler. O livro termina com Hitler recebendo convites de vários partidos e afirmando que é possível trabalhar novamente com “aquele material”, isto é, o medo e o ressentimento da população.

Referências

ABBUD, Bruno. Assalto sofrido por Bolsonaro em 1995 culminou com a morte misteriosa de um bandido e de sua família. **Revista Época**, 10 ago. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/assalto-sofrido-por-bolsonaro-em-1995-culminou-com-morte-misteriosa-de-um-bandido-de-sua-familia-22964254>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

- AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as Ciências Sociais**. Porto Alegre: Penso, 2017.
- AMADO, Guilherme. Mesas de café da manhã de Jair Bolsonaro na eleição eram fakes. *Revista Época*, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/mesas-de-cafe-da-manha-de-jair-bolsonaro-na-eleicao-eram-fakes-1-24265281>>. Acesso em: 05 mai. 2022.
- ARENARI, Brand. Bolsonaro, o primeiro presidente “evangélico” do Brasil. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio. **Bolsonarismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Gramma Livraria & Editora, 2020.
- ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978.
- AVRITZER, Leonardo. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.
- DATAFOLHA. **Eleições 2018**. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/26/3416374d208f7def05d1476d05ede73e.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- DECLERCQ, Marie; NUÑEZ, Lenny; CESAR, Ênio. A tristeza infinita dos incels: um retrato da juventude em crise no Brasil. *Vice*, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/j5y8q3/a-tristeza-infinita-dos-incels-um-retrato-da-juventude-em-crise-no-brasil>>. Acesso em: 26 out. 2021.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 1ª. edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FELICE, Renzo de. **Explicar o fascismo**. Edições 70: Lisboa, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREEDOM HOUSE. New report: Freedom in the world 2020 finds established democracies are in decline. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/article/new-report-freedom-world-2020-finds-established-democracies-are-decline>>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- FREIXO, Adriano de. **Os militares o governo Jair Bolsonaro: entre o anticomunismo e a busca pelo protagonismo**. Compenhague / Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Latinobarómetro. **Latinobarómetro 2018: banco de dados**. Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>>. Acesso em: 05 mai. 2022.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MENEZES, Sergio Schargel Maia. **Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Uma análise sobre materiais discursivos do Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo em seus diversos ciclos e estágios**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), 2022.
- MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio. Introdução. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio. **Bolsonarismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Gramma Livraria & Editora, 2020.

GASSET, José Ortega y. **A rebelião das massas**. São Paulo: Linográfica Editôra LTDA., 1962.

PARETO, Vilfredo. **Manual of political economy**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. 10ª. Edição. Lisboa: Ática, 1972.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHARGEL, Sergio. “Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name”: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. **Revista Cantareira**, n. 33, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SCHARGEL, Sergio. **O fascismo infinito, no real e na ficção**: como a literatura apresentou o fascismo nos últimos cem anos. Porto Alegre: Bestiário/Class, 2022. Disponível em: <https://www.bestiario.com.br/abralic_2022/3-Sergio-Schargel.pdf?fbclid=IwAR1tvJ9accsdhmeer17t3_WB2tX-WbygY85WxJglbBrzh-p8EuOsIYGii8>. Acesso em: 05 set. 2022.

SEVIDOR do Ibama que multou Bolsonaro por pesca irregular é exonerado de cargo de chefia. G1, 29 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/03/29/ibama-exonera-servidor-que-multou-bolsonaro-por-pesca-irregular.ghtml>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

UNDERGÅNGENS ARKITEKTUR (Arquitetura da destruição). Direção: Peter Cohen. Produção: Peter Cohen. Roteiro: Peter Cohen. Suécia: [s. n.], 1989. Disponível em: <<https://canalcurta.tv.br/series/serie.aspx?serieId=442>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Introdução à bioestatística – Turma Nutrição. Disponível em: <<http://www.est.ufmg.br/~edna/bionutri/NUT-Aula11.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

URWAND, Ben. **A colaboração**: o pacto entre Hollywood e o Nazismo. São Paulo: LeYa, 2014.

VERMES, Timur. **Ele está de volta**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2001.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2015.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.